

**Miguel Ramalhete Gomes**

**(Investigador do CETAPS, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)**

**Citação:** Gomes, Miguel Ramalhete, "Deus ex machina: História e Utopia em Isaac Asimov", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 13 (2012). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

Pelo meio de um assombroso número de outros títulos, desde policiais e textos de divulgação científica a impressionantes tomos sobre Shakespeare e a Bíblia, Isaac Asimov ficou sobretudo conhecido pelos seus textos de ficção científica.<sup>2</sup> Dentro deste género, encontramos rapidamente dois problemas que irão acompanhar Asimov desde os seus primeiros aos seus últimos livros: a história e a utopia. A ficção científica de Asimov concebe a utopia não como o lado de fora, ou o fim, da história, mas como o resultado possível e desejado de um processo histórico pormenorizado e específico. Este ensaio procura traçar de que modo história e utopia se relacionam em dois grupos de textos na obra de ficção científica de Asimov: em primeiro lugar, nos contos de *I, Robot* e, em seguida, nos primeiros romances da saga *Foundation*. Procurar-se-á mostrar de que forma o ensaio da utopia em modos históricos se prepara nos contos sobre robots, para depois se revelar completamente desenvolvido nos romances de *Foundation*. Apesar de as principais soluções para os problemas colocados por Asimov se delinearem logo nestes textos publicados entre as décadas de 1940 e 1950, torna-se revelador que Asimov continue a questionar estas soluções e a providenciar variações ao longo da sua obra de ficção científica em torno do problema de como fazer surgir a utopia a partir da história.

### **Um deus saído da máquina**

A coleção de contos *I, Robot* (1951) não só inclui alguns dos melhores textos de Asimov mas também funciona como um exemplo acabado do estilo do escritor. Ao contrário de muitos outros escritores de ficção científica, os textos de Asimov são singularmente estáticos. Há uma tendência marcada para longas páginas de diálogo em que as personagens resolvem problemas discursivamente, num formato muito próximo do do romance policial. Longe estão ainda os grandes romances fatigantes que Asimov escreveu mais para o fim da vida, por um lado com a intenção de criar uma continuidade no seu universo ficcional – à maneira da banda desenhada – e por outro lado por pressão editorial. Como é frequente neste meio, as editoras encomendavam romances com um número fixo de palavras; este elevado número de palavras, fixado contratualmente, é responsável em parte pela exagerada dimensão dos romances tardios de Asimov e pelo seu estilo algo pastoso, em tudo diferente do estilo destes contos iniciais.<sup>3</sup>

A influência de políticas editoriais não é de negligenciar mesmo no caso desta coleção. Uma nota no início do volume explica que todos os contos foram publicados separadamente, ao longo de dez anos, e numa ordem diferente daquela que agora conhecemos. As secções a itálico, com que Asimov liga os vários contos, são uma invenção posterior e criam uma ordem narrativa que não está necessariamente presente nos vários contos originais. Esta ordem prende-se ainda com uma das estratégias narrativas de Asimov, que passo a explicar. Tal como na saga *Foundation*, Asimov conta o futuro como a história do futuro, ou seja, como um historiador com inclinações literárias contaria o futuro se este já tivesse acontecido. Tanto *I, Robot* como muitos outros livros de Asimov se oferecem aos seus leitores como romances históricos do futuro. É um traço desta autoconsciência de Asimov que tantas das suas personagens se interessem por romances históricos, tanto nos romances sobre robots como nos romances de *Foundation*. O enquadramento específico de *I, Robot* é, como sabemos, o da reportagem jornalística, ou seja, um género documental. A propensão pseudo-histórica destes textos é marcada pelo uso sistemático de datas e por um progresso tecnológico linear: cada conto indica ou pressupõe um salto no desenvolvimento tecnológico dos robots. Este progresso linear, que, sublinho, não seria tão visível nos contos tal como publicados originalmente, é estabelecido sobretudo nos acrescentos em itálico – a referida reportagem jornalística.

Para nós, em 2012, há aspetos destes contos que são já anacrónicos ou vagamente embaraçosos. Nestes contos, escritos na década de 1940, não há naturalmente referência a computadores, exceto para dizer que as "máquinas de cálculo" teriam sido substituídas pelo cérebro positrónico (cf. Asimov 1996a: 9). A função dos computadores é cumprida pelos robots. Em romances posteriores, Asimov introduz discretamente os computadores, mas não lhes concede os traços humanizantes – racionais e emocionais

– que parecem acompanhar os robots com forma humanóide destes contos. Estes computadores não mostram sinais de inteligência ou de vida emocional artificial. A sua aparição discreta nos romances tardios poderá estar ligada a um certo embaraço por parte do próprio Asimov, que teria certamente notado a estranheza de fazer surgir a invenção de robots com capacidades emotivas antes da invenção dos computadores, sendo os primeiros paradoxalmente mais avançados do que os segundos, embora os segundos, os computadores, cumpram funções instrumentais – e, acrescente-se, mortíferas – que os robots parecem incapazes de cumprir, devido às famosas Três Leis da Robótica inventadas por Asimov.

Essa estranha inversão pode estar relacionada com o pressuposto de que a inteligência artificial deveria surgir necessariamente aliada a uma forma humanóide. Tanto quanto sei, esse pressuposto é atualmente dispensado na investigação sobre inteligência artificial, como aliás seria de esperar, do nosso ponto de vista contemporâneo.<sup>4</sup> Um cérebro artificial, para usar uma metáfora já por si antropocêntrica, não precisaria de um corpo humanóide para desenvolver inteligência. O erro estaria em projetar sobre um objeto mecânico pressupostos que são da ordem do humano, como acontece na metáfora do cérebro artificial. A personagem Susan Calvin, num destes contos, nota precisamente isso: “Human disorders apply to robots only as romantic analogies” (*idem*: 86).

Por outro lado, o desenvolvimento dos robots é evidentemente antropomorfizado nestes contos. Um destes robots começa por tentar raciocinar a sua existência à maneira de Descartes: “I, myself, exist, because I think—” (*idem*: 66). Este pensamento inclui outro já problemático, em que o robot põe em causa a plausibilidade de ele, um ser complexo e superior, ter sido criado por humanos (cf. *idem*: 62). Daí em diante, vemos robots que se interessam por ficção e que desenvolvem um sentido de humor. No entanto, estes três interesses – filosofia, ficção e humor – são apresentados como desvios patológicos. Mais comum é o fenómeno de um robot se revelar incapaz de entender o sentido figurado ou pragmático de um enunciado. O tema dos robots que interpretam literalmente frases que vão além do seu sentido literal é recorrente na ficção científica. Neste caso, trata-se de um robot que entende literalmente a frase “Go lose yourself” (*idem*: 140), pelo que trata de se fazer perder no meio de outros robots fisicamente idênticos a ele. Curiosamente, neste conto, é-nos dito que os robots conversam entre si, o que revela uma inteligência e capacidade de socialização que vão além do seu mero uso instrumental (cf. *idem*: 152).

Asimov desenvolve ainda a ideia de que um ser inteligente irá, mais tarde ou mais cedo, ter problemas com o facto de estar relegado ao estatuto de servidor de uma espécie que provavelmente encara como inferior. É-nos dito que teria sido implantado um complexo de escravidão ou servidão nos robots (cf. *idem*: 42), o que os faz tratar os humanos como “master” e que os faz aceitar o termo pejorativo “boy” (*idem*: 151), que, no contexto norte-americano, é um termo especialmente forte, por recuperar a forma como os brancos nos Estados Unidos tratavam os afro-americanos até meados do século XX. A conclusão de Susan Calvin é de que todos os seres vivos se ressentem ao serem dominados por outros e que a única coisa que impede a revolta é a Primeira Lei, segundo a qual um robot não pode fazer mal nem deixar que aconteça nada de mal a um ser humano.

Nos contos finais, este problema passa a ser tratado de forma mais subtil, à medida que os robots assumem o domínio da sociedade, primeiro no caso de um robot que se faz passar por humano e depois com as Máquinas, espécie de supercomputadores que administram uma sociedade global. O tema da criação de robots com o intuito de ajudar a espécie humana cedo se transforma no tema da dependência dos seres humanos em relação aos robots – desde a dependência emocional do primeiro conto à dependência administrativa do último, passando pela absoluta necessidade de robots para o desenvolvimento tecnológico. Neste livro, é um robot que inventa o motor hiperatómico, que permite viagens entre sistemas solares, e é-nos dito no último conto que as Máquinas são o resultado de uma extrapolação multiplicada por dez vezes: é criado um robot com a capacidade de criar outro robot superior a ele e assim por diante, pelo que, a certa altura, as Máquinas são mecanismos tão complexos que escapam à possibilidade de verificação e controlo humanos (cf. *idem*: 226). Neste ponto, os humanos revelam-se incapazes de perceber ou mesmo intervir no funcionamento das suas próprias criações. Incidentalmente, esta ideia surge parodiada no livro *The Hitchhiker’s Guide to the Galaxy*, de Douglas Adams, em que o computador Deep Thought é capaz de fornecer a resposta à pergunta fundamental sobre a vida, o universo e tudo o mais – a resposta, já agora, é 42 –, mas não consegue descobrir qual é a pergunta, pelo que se vê obrigado a criar um computador infinitamente mais complexo do que ele próprio (cf. Adams 2005: 183-187).

Voltando a este último conto de Asimov, vemos que as Máquinas, por via das Três Leis, se revelam capazes de administrar a sociedade humana tão melhor do que os seres humanos que chegam ao ponto de proteger a humanidade de si mesma, quer esta queira quer não – desmontando conspirações e comprometendo um grupo que milita contra os robots. Como Susan Calvin explica, “Robots are essentially decent” (Asimov 1996a: 199), pelo que “If a robot can be created capable of being a civil executive, I think he’d make the best one possible. By the laws of Robotics, he’d be incapable of harming humans, incapable of tyranny, of corruption, of stupidity, of prejudice” (*idem*: 218). Seria aquilo a que Calvin chama um “deus

ex machina”, num duplo sentido (*idem*: 224). A expressão – um deus saído da máquina – refere-se, como sabemos, a um mecanismo do teatro da Grécia antiga, em que um enredo complicado era resolvido por via de uma agência externa e improvável, literalmente um deus que descia até ao palco com a ajuda de um guindaste. No nosso caso, esse deus que tudo resolve é ele mesmo uma máquina, um robot.

No entanto, encontramos já aqui um problema a que Asimov voltará em romances posteriores: o problema do paternalismo. Os robots impedem os conflitos e o perigo frequentemente inerente a momentos de acelerado desenvolvimento social e tecnológico. O argumento nestes últimos romances de Asimov, literariamente menos subtil mas filosoficamente interessante na mesma, é de que os robots travam o desenvolvimento humano, que é historicamente provocado por momentos de crise, pelo que a opção das sociedades humanas a partir de certa altura, nesses romances, é de deixar permanentemente de usar robots. Esse abandono é de tal forma radical que, 20.000 anos depois, já no universo ficcional de *Foundation*, os robots foram completamente esquecidos, embora não tenham deixado de ter influência nos acontecimentos humanos. Aprenderam, contudo, a deixar de tentar evitar acontecimentos potencialmente catastróficos, mas eventualmente produtivos.<sup>5</sup>

Este problema liga-se a uma questão importante na ficção de Asimov, presente nas últimas páginas do último conto e recorrente em romances posteriores: a questão do motor da história. O que produz acontecimentos históricos, o que os influencia e faz mudar de rumo? Terá o indivíduo ou mesmo a vontade de populações inteiras influência no decurso da história? Asimov dá várias respostas que vai revendo nos seus vários romances. Neste último conto, a resposta é claramente negativa. Cito uma parte do diálogo final:

‘We don’t know [where we are heading]. Only the Machines know, and they are going there and taking us with them.’  
‘But you are telling me, Susan, that the “Society for Humanity” is right; and that Mankind *has* lost its own say in its future.’  
‘It never had any, really. It was always at the mercy of economic and sociological forces it did not understand – at the whims of climate, and the fortunes of war.’  
(...) ‘Think, that for all time, all conflicts are finally evitable. Only the Machines, from now on, are inevitable!’ (*idem*: 248-249)

Neste conto, o ser humano já nada pode fazer contra os planos das Máquinas – tal como antes outros fatores contextuais haviam impedido a ação de indivíduos ou mesmo de grupos reduzidos de pessoas. A história, entendida como o movimento de forças massivas e sistémicas, é demasiado grande e complexa para poder voltar a ser dirigida por seres humanos. Apenas os robots são capazes de trabalhar com fatores tão complexos e aos seres humanos resta serem conduzidos para um destino que desconhecem.

Finalmente, o desaparecimento dos robots nos romances posteriores de Asimov aponta para um dos maiores problemas da ficção, de que Asimov se terá, a certa altura, apercebido. O problema é este: sem conflito dificilmente haverá ação narrativa, como a seguinte história ilustra. O dramaturgo Heiner Müller conta que, numa entrevista com o escritor francês Jean Genet, o entrevistador terá feito a seguinte pergunta: “deseja então um mundo melhor? Um mundo à medida dos seus sonhos políticos?”; ao que Genet terá respondido: “Por amor de Deus, se o mundo fosse tal como eu desejasse que fosse, deixaria de ter motivos para escrever” (Müller 2005 IX: 227, minha tradução). Este problema torna-se incontornável quando chegamos aos romances de *Foundation*.

## Psico-história e enredo

Em *Foundation*, uma saga que inclui sete romances e que Asimov posteriormente ligou ao universo ficcional das histórias sobre robots, encontramos um Império Galáctico em decadência. O matemático Hari Seldon, por via da ciência da *psico-história*, prevê a queda desse império e o surgimento de uma idade das trevas, uma barbárie inevitável (cf. Asimov 1995a: 80), que pode durar vários milhares de anos. De forma a impedir esse fim, Seldon, apoiado nas previsões matemáticas da *psico-história*, consegue apoio financeiro para um projeto alegadamente destinado a compilar informação que serviria de base para uma Enciclopédia Galáctica, mas, na verdade, criado numa tentativa de abreviar essa idade das trevas emergente. Esse projeto, a Fundação, estabelece-se num planeta periférico do Império Galáctico e a sua função será agrupar em torno de si um futuro Segundo Império Galáctico. Os romances desta saga traçam assim a história da construção de uma utopia, sem que o leitor alguma vez chegue a ver o produto final. De facto, ao contrário do que se passa na maioria das utopias clássicas, Asimov parece mais interessado no processo pelo qual uma utopia se forma, do que na utopia em si.

A base histórica de algumas destas projeções de Asimov não é difícil de discernir. A narrativa histórica

de Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (1776-1789), encontra-se definitivamente presente por trás da ideia de declínio imperial – Seldon refere-se a um “decline and fall of the Galactic Empire” (Asimov 1995a: 32) –, da mesma forma que podemos talvez adivinhar referências veladas a uma União Soviética na altura ainda dirigida por Estaline.<sup>6</sup> Os três primeiros romances da saga, conhecidos como a trilogia da Fundação, foram publicados em 1951 (*Foundation*), 1952 (*Foundation & Empire*) e 1953 (*Second Foundation*), mas, como em *I, Robot*, agrupam oito textos previamente publicados entre 1942 e 1950. A estes Asimov juntou um nono texto que abre o primeiro volume. Em termos de coincidência temporal, não será, por isso, descabido imaginar que o período durante o qual a União Soviética passou a dirigir o Bloco de Leste, tornando-se assim numa superpotência à altura dos Estados Unidos, terá afetado a escrita dos contos que, mais tarde, passaram a constituir os romances de *Foundation*.

Por outro lado, será interessante notar a insistência de Asimov no tema da psico-história num período durante o qual era frequente falar-se do marxismo como um método de análise histórica capaz de prever o futuro de determinadas formações sociais, económicas e políticas. A ciência da psico-história apresenta-se como uma combinação de métodos históricos, sociológicos e estatísticos, resumindo o desenvolvimento histórico humano a equações matemáticas. Declarando-se incapaz de prever o comportamento de indivíduos, a psico-história depende do cumprimento de duas premissas: a enorme dimensão das massas humanas envolvidas e o desconhecimento, por parte destas massas, das conclusões desta ciência. O efeito desta combinação tem a força de um fenómeno natural, como a personagem Ducem Barr explica, opondo as ações de indivíduos à força da história prevista por Seldon: “And through all this wild threshing of tiny ripples, the Seldon tidal wave continued onward, quietly – but quite irresistibly” (Asimov 1996b: 85). Nessa mesma história, Barr já havia declarado ao general do Império em decadência a impossibilidade de destruir a Fundação:

‘I have already said that the science had nothing to do with individual actions. It is the vaster background that has been foreseen.’  
‘Then we stand clasped tightly in the forcing hand of the Goddess of Historical Necessity.’  
‘Of *Psycho-Historical Necessity*,’ prompted Barr, softly.  
‘And if I exercise my prerogative of freewill? If I choose to attack next year, or not to attack at all? How pliable is the Goddess? How resourceful?’  
Barr shrugged. ‘Attack now or never; with a single ship or all the force of the Empire; by military force or economic pressure; by candid declaration of war or by treacherous ambush. Do whatever you wish in your fullest exercise of free will. You will still lose.’  
‘Because of Hari Seldon’s dead hand?’  
‘Because of the dead hand of the mathematics of human behaviour that can neither be stopped, swerved nor delayed.’ (*idem*: 31)

De facto, torna-se impossível evitar comparar esta psico-história com um marxismo acusado de praticar uma forma de futurologia especulativa assente na ideia da inevitabilidade de certas mudanças históricas.<sup>7</sup> Talvez o principal exemplo desta acusação seja *The Poverty of Historicism*, de Karl Popper (1957), que funcionou também como denúncia de uma certa visão utópica em que a engenharia social surgia como uma tarefa totalizante, abarcando todas as dimensões sociais do ser humano. Neste livro, Popper combina, assim, dois elementos diversos: a utopia como modo de planeamento totalizante e a ideia de que é possível prever cientificamente a história do futuro. É interessante, por isso, que, neste clima intelectual, Asimov baseie com tanta veemência uma série de histórias na hipótese de que não só existem como é possível conhecer as leis da história e, mais ainda, de que é possível usá-las a favor de uma engenharia social de dimensões galácticas. De facto, nestes romances de Asimov, a psico-história nega precisamente a agência volitiva de indivíduos e massas que era tão cara ao liberalismo político de pensadores como Popper.<sup>8</sup> Apenas a ação conjunta de toda a população humana, resumida a leis matemáticas da história, faz a história mover-se.

Por outro lado, logo a partir do segundo romance desta trilogia inicial, *Foundation & Empire*, Asimov, possivelmente desconfortável com uma filosofia da história que deixa o indivíduo impotente, começa a introduzir areia na engrenagem da psico-história. O motivo desta perturbação pode também ser analisado do ponto de vista da relação entre aquilo que é narrado e a própria narração, concebidos no contexto do que sabemos serem as expectativas dos leitores de ficção científica. Frequentemente, a ficção científica adota um enredo de revelações graduais, de novo próximo do policial, pelo que o leitor é encorajado a avançar rapidamente ao longo de longos volumes com o fim de descobrir a solução do mistério que lhe é ocultada ao longo da história. As revelações que vão sendo feitas, também de modo a manter o leitor agarrado ao livro, tomam formas idealmente inesperadas. Vemos imediatamente o problema que se terá apresentado a Asimov ao fim das seis histórias que compõem *Foundation* e a primeira metade de

*Foundation & Empire*: existe uma contradição entre esta estrutura convencional e o artifício narrativo de fazer coincidir os acontecimentos narrados com as previsões de uma ciência psico-histórica. Em cada uma destas primeiras histórias, as previsões de Seldon, que conhecemos apenas após o clímax de cada crise histórica enfrentada pela Fundação (cf. *idem*: 84), são escrupulosamente confirmadas: Asimov faz surgir, após cada crise, um holograma de Hari Seldon que se dirige aos habitantes futuros de Terminus com o fim de lhes comunicar, após o facto, as previsões psico-históricas entretanto concretizadas. Ou seja, neste primeiro livro e meio, o resultado de cada crise é sempre um dado adquirido à partida: a Fundação vence sempre (cf. Asimov 1995b: 153). Este resultado produz enredos estranhos em que o leitor se habitua a prever sempre o mesmo final, embora os meios usados para atingir os fins variem.

Na segunda metade de *Foundation & Empire*, Asimov complica o mecanismo usado nas histórias anteriores. Ao fim de 300 anos, os habitantes de Terminus, o planeta da Fundação, estão já habituados a ver os seus problemas resolvidos pelo motor abstrato da história. O surgimento de um novo antagonista, um ser com capacidades mentais sobre-humanas, é assim recebido com considerável autoindulgência. A crise agrava-se sem que os habitantes de Terminus ajam e, quando o holograma de Seldon finalmente reaparece, as previsões que Seldon narra como acontecimentos do passado não têm qualquer relação com o presente (cf. Asimov 1996b: 159-160). O plano de Seldon cai por terra quando se verifica que a relação com a realidade deixou de existir. Com isto, Asimov consegue frustrar as expectativas do leitor, resolvendo o problema acima descrito, mas a primeira grande mudança no enredo ao fim de 300 páginas só se consegue à custa de sacrificar os mecanismos da psico-história. Uma filosofia, ou psicologia, da história de massas dá lugar a um ênfase na importância e impacto de um indivíduo apenas: a história de fenómenos de massas é substituída por uma história heroica.

Em mais uma variação deste conflito, num dos seus romances finais, *Foundation's Edge*, Asimov deixa que seja uma personagem humana a decidir o rumo da história futura, mas, incapaz de abandonar as suas preocupações essenciais, atribui a construção deste futuro a várias figuras substitutas – uma comunidade de líderes iluminados mas invisíveis, um robot com capacidades sobre-humanas, ou ainda uma forma de inteligência coletiva. Todas estas figuras têm algumas coisas em comum: são elas que conduzem a história, mas fazem-no na sombra, sem terem sido escolhidas para a função que vão cumprir, e passando por cima dos eventuais desejos das massas que conduzem. Asimov não se consegue livrar da imagem do tirano benevolente. Embora Asimov tente legitimar essas figuras, não consegue evitar a necessidade, quase neurótica de tão repetitiva, de atribuir o governo da espécie humana a uma entidade superior que decide o que é melhor para todos. Em *I, Robot*, esse papel cabe aos robots, que cedo se apercebem da sua crescente superioridade e, sendo embora as criações dos humanos, logo assumem o papel paternal (e paternalista) de condutores da humanidade.

## Conclusão

O que vemos nestes textos de Asimov é uma reflexão profundamente ambivalente sobre a questão do governo e administração de uma sociedade humana, sobre a questão do peso da agência e vontade de indivíduos nesse governo, e, no caso específico de *I, Robot*, sobre a questão da dominação de um ser inteligente por outro e conseqüente ressentimento. Estes problemas são profundamente ambivalentes, porque, nestes livros, Asimov não parece conseguir decidir-se entre uma visão da história em que os indivíduos intervêm decisivamente e uma visão da história em que são forças abstratas e sistémicas que determinam o curso dos acontecimentos.

Esta problematização não é, contudo, uma coisa do passado; pelo contrário, podemos entendê-la no contexto de uma crise capitalista que vemos desenrolar-se perante os nossos olhos, cumprindo passo após passo a receita económica, social e política que conduziu ao surgimento dos fascismos há cerca de 90 anos. Atualmente, na comunicação social, somos inundados pelas expectativas de analistas e pelas previsões de especialistas relativamente aos mercados, num exercício de futurologia que se distingue sobretudo pelo seu frequente fracasso, o que nos leva a concluir que estas previsões não são mais do que tentativas de transformar uma declaração supostamente descritiva num ato performativo: espera-se que, prevendo o comportamento dos mercados, esta previsão crie a situação supostamente prevista. Adicionalmente, vemos que as previsões dependem dos interesses das entidades que as emitem: se, por um lado, os governos europeus tendem a anunciar previsões que apontam para o pagamento das dívidas nacionais, por estas previsões supostamente acalmarem os mercados e baixarem os juros, por outro lado, vemos que as previsões de não pagamento são anunciadas por entidades indiretamente interessadas em fazer os juros subir. Ironicamente, são os herdeiros de um pensamento liberal que praticam diariamente uma futurologia que horrorizaria liberais como Popper. Indiferente às análises, desejos e esforços dos especialistas neoliberais, a história recente tem-se caracterizado por acontecimentos sistémicos que recusam submeter-se a uma retórica liberal segundo a qual o sistema capitalista foi corrompido por um

punhado de banqueiros gananciosos e desprovidos de ética, numa personalização moral que visa desviar a atenção do facto de uma crise capitalista não ser uma aberração, uma perturbação do sistema, mas antes uma parte integral desse mesmo sistema.

Voltando a Asimov, vemos que o momento ideológico surge não quando Asimov postula um movimento sistémico, mas sim quando introduz um indivíduo capaz de, sozinho, perturbar o funcionamento do sistema. Uma das utilidades do modelo histórico de Asimov reside na insistência na dimensão sistémica dos acontecimentos históricos. Embora o sistema económico adotado pela Fundação seja claramente capitalista, este é determinado por mecanismos internos que não são normalmente alteráveis pela ação corretora de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Da mesma forma, o sistema capitalista global que atualmente se encontra em crise não é passível de ser afinado ou purgado eticamente.

Por outro lado, talvez possamos rever a valência de previsões como as acima referidas à luz do conceito de psico-história. Em *Second Foundation*, Channis, uma personagem, explica como funciona a psico-história: “[Seldon] created his Foundations according to the laws of psychohistory, but who knew better than he that even those laws were relative. He never created a finished product” (Asimov 1995b: 78). A psico-história de Hari Seldon afirma-se como uma disciplina em movimento, transformando-se de acordo com as mudanças na realidade (cf. *idem*: 132). Não encontramos aqui uma rígida mecânica da história, indiferente às disparidades entre realidade e representação, mas antes uma ciência relativa e flexível. As previsões de mercado acima referidas, embora declaradas com uma considerável dose de convicção, são igualmente flexíveis quando confrontadas com uma realidade que as desmente. Nesses casos, a previsão falhada é simplesmente substituída por uma nova previsão, igualmente convicta, que tenha em conta o novo fator. Se pensarmos que estas previsões são frequentemente tão fantasiosas como muitas utopias, e se deixarmos de restringir estas previsões à sua aplicação ao mercado, poderemos talvez entrever a sua contribuição para um pensamento utópico interessado em recuperar a ideia de futuro. Segundo Fredric Jameson, uma das funções da utopia passa por acordar uma ideia de futuro que poderá não coincidir necessariamente com o eterno presente da ideologia. Ao atribuir uma nova função utópica a elementos no presente que são claramente negativos, a utopia procura “isolar aspetos do nosso presente empírico de forma a lê-los como componentes de um sistema diferente” (Jameson 2010: 434, minha tradução). Esta tentativa de entrever um sistema emergente em determinados aspetos do presente funciona como uma experiência de pensamento, não uma previsão certificável, que abre a possibilidade de imaginar um futuro alternativo a partir de um sistema capitalista que, segundo Jameson, nega a sua própria historicidade ao afirmar-se como o fim da história (cf. *idem*: 423, 434). Em Asimov, tal como atualmente, o pensamento utópico não só se encontra ancorado na história como tem a função de obrigar a pensar essa mesma história como algo mais do que um presente eternamente replicado.

## Referências Bibliográficas

Adams, Douglas (2005), *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy*, Film Tie-in Edition with an Afterword by Robbie Stamp, Londres, Pan Books.

Asimov, Isaac (1985), *The Robots of Dawn*, Londres, Panther (Granada Publishing).

\_\_ (1990), *Robots and Empire*, Londres, Grafton Books.

\_\_ (1994), *Forward the Foundation*, Toronto, Bantam Books.

\_\_ (1995a), *Foundation*, Londres, Harper Collins Publishers.

\_\_ (1995b), *Second Foundation*, Londres, Harper Collins Publishers.

\_\_ (1996a), *I, Robot*, Londres, Harper Collins Publishers.

\_\_ (1996b), *Foundation & Empire*, Londres, Harper Collins Publishers.

\_\_ (1996c), *Prelude to Foundation*, Londres, Harper Collins Publishers.

\_\_ (1996d), *Foundation's Edge*, Londres, Harper Collins Publishers.

\_\_ (1996e), *Foundation & Earth*, Londres, Harper Collins Publishers.

Jameson, Fredric (2010), *Valences of the Dialectic*, Londres/Nova Iorque, Verso.

Müller, Heiner (2005), *Werke 9 – Eine Autobiographie*, Frankfurt am Main, Suhrkamp.

Popper, Karl (2007), *The Poverty of Historicism*, Londres/Nova Iorque, Routledge.

---

## Notas

<sup>1</sup> Artigo segundo o novo acordo ortográfico.

<sup>2</sup> Este artigo parte de uma intervenção oral feita no Clube de Leitura da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), na sessão “*Eu, Robot – Isaac Asimov*”, a 16 de Fevereiro de 2012. Aproveito aqui para agradecer novamente à Doutora Isabel Coutinho e à equipa da Biblioteca da FEUP o convite que me foi, na altura, endereçado. Uma versão do texto original e uma gravação vídeo da sessão podem ser consultadas em <http://biblioteca.fe.up.pt/cl/node/16>.

<sup>3</sup> Refiro-me sobretudo aos seguintes romances: *The Robots of Dawn*; *Robots and Empire*; *Foundation's Edge*; *Foundation & Earth*; *Prelude to Foundation*; *Forward the Foundation*.

<sup>4</sup> Esta constatação não impede que vários robots sejam atualmente construídos à semelhança de seres humanos ou mesmo de animais, como é o caso de AIBO, um cão robot que foi comercializado pela Sony até 2006. Podemos explicar estes casos não através de alguma ligação especial entre uma forma animal e a inteligência artificial, mas por via de um conjunto de expectativas geradas pela influência da ficção científica na nossa imaginação coletiva.

<sup>5</sup> Cf. *Foundation & Earth*.

<sup>6</sup> O uso da história do Império Romano não se limita a uma perspetiva conceptual. No segundo romance da saga, Asimov introduz duas personagens, o imperador Cleon II e o general Bel Riose, que são claramente baseados no imperador bizantino Justiniano I e no seu general Belisarius, duas figuras discutidas por Edward Gibbon na sua narrativa histórica e romanceadas por Robert Graves em *Count Belisarius* (1938).

<sup>7</sup> O marxismo de meados do século XX não é certamente a única fonte para esta ciência de Seldon. A imagem da “mão morta” da psico-história remete até mais claramente para o mito da mão invisível dos mercados, uma metáfora criada por Adam Smith.

<sup>8</sup> “Seldon crises are not solved by individuals but by historic forces. Hari Seldon, when he planned our course of future history, did not count on brilliant heroics but on the broad sweep of economics and sociology.” (Asimov 1995a: 228)

<sup>9</sup> Convém, no entanto, notar que esta situação em que o protagonista, individual ou coletivo, vence sempre é mais do que típica em romances de ficção científica ou de fantasia, por mais obstáculos que se tenha de atravessar. Encontraremos exceções a esta situação sobretudo na ficção científica de cunho distópico.